



# A AGENDA DE INVESTIGAÇÃO PARTILHADA AFRICANA

PARA TERMINAR  
BASEADO EM GÊNERO  
VIOLÊNCIA

SUMÁRIO EXECUTIVO

NOVEMBRO 2023



## Sumário Executivo

A Agenda Africana de Investigação Partilhada (ASRA) destinada a acabar com a violência baseada no género (VBG) é um conjunto de recomendações prioritárias de investigação para o campo, que foram identificadas através de um processo rigoroso, abrangente e inclusivo o qual centra as opiniões e as vozes daqueles a quem a investigação irá servir. Trata-se de uma abordagem única e diligente que transporta o espírito de colaboração e poder coletivo essencial para pôr fim à VBG.

A ASRA segue a criação, ainda em 2021, da Agenda Global de Investigação Partilhada (GSRA), uma colaboração entre a Iniciativa de Pesquisa sobre Violência Sexual (SVRI) e o Instituto Igualdade (EQI) com o apoio de parceiros de financiamento e do campo. A GSRA apresentou os resultados de dois anos de diálogos e discussões informados por dados concretos, que se basearam na sabedoria do público a fim de definir as prioridades de investigação para os próximos cinco anos, com vista a uma investigação justa, eficaz e relevante sobre a violência contra as mulheres (VCM) nos países de baixo e médio rendimento. Pela primeira vez, as vozes de profissionais, ativistas e sobreviventes foram centradas ao lado de académicos e outros especialistas.

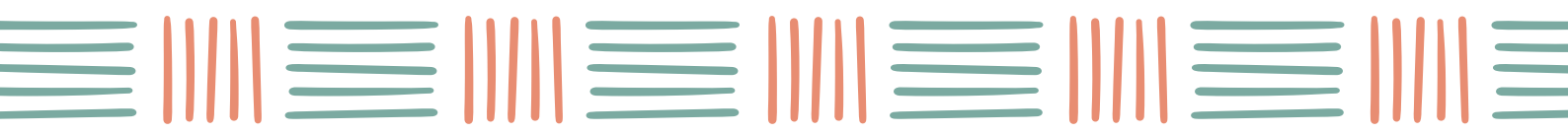
Para identificar as prioridades de investigação e garantir que o processo era justo e transparente, foi utilizado um método denominado Iniciativa de Investigação sobre Saúde e Nutrição Infantil (CHNRI), que tem em conta os pontos de vista de várias partes interessadas, e não apenas de peritos técnicos, de modo a que todos os pontos de vista sejam tratados de forma igual sem que algumas vozes sejam mais dominantes do que outras. Para o efeito, recorre a “contribuição colaborativa” “crowdsourcing” de múltiplas opiniões sobre uma questão, ultrapassando a opinião “especializada” de uma só pessoa.

A GSRA salientou a necessidade de investigação sobre intervenções para prevenir a VBG e o que funciona para informar os investimentos em programas e políticas. Reconhecendo os diversos contextos em que a violência motivada pela desigualdade de género se manifesta em todo o continente africano, tornou-se claro que é importante localizar a GSRA de modo a identificar áreas de investigação prioritárias para a região. As mulheres e raparigas de África Central, Oriental, Ocidental e Austral enfrentaram índices significativos de violência física e sexual nos últimos anos, muito superiores às estimativas globais. Por este motivo, o desenvolvimento de provas e a criação de conhecimentos para estas sub-regiões de África são essenciais para acelerar o progresso e a responsabilização para com as mulheres e raparigas em toda a sua diversidade, através da disponibilização de melhores e mais eficazes programas.

Aproveitando os ensinamentos do processo GSRA, a ONU Mulheres (através de seus Escritórios Regionais em África Oriental e Austral e em África Central e Ocidental) e a SVRI têm trabalhado com várias partes interessadas desde Maio de 2022 para co-criar um conjunto de prioridades de investigação regionais partilhadas para África, a fim de orientar, sistematizar e atrair financiamento para a construção de evidências sobre a VBG na região.

Foram criados três grupos para governar e orientar a ASRA:

- 1. GRUPO DE GESTÃO:** Principais funcionários que trabalham com a SVRI e os Escritórios Regionais da ONU Mulheres em África Oriental e Austral e em África Central e Ocidental.
- 2. GRUPO CONSULTIVO:** O Grupo de Gestão identificou um grupo de 26 peritos no domínio da prevenção e resposta à VCM/VBG, com foco em África Oriental, Central, Ocidental e Austral. O Grupo Consultivo incluía pessoas de todas as sub-regiões de África, com diversas formações, incluindo instituições de defesa, de investigação e académicas, organizações da sociedade civil, fundações filantrópicas e o sistema das Nações Unidas.

- 
- 3. GRUPO DE PERITOS REGIONAL:** Um grupo de aproximadamente 400 peritos regionais de África Oriental, Central, Ocidental e Austral que trabalham na prevenção e resposta à VBG, incluindo investigadores, profissionais, organizações feministas e pelos direitos das mulheres, activistas e redes, financiadores, decisores políticos e outros.

Orientada por estas estruturas, ricas em diversidade e paixão pelo campo, a ASRA desenvolveu um processo participativo e interactivo em sete etapas, com muitas oportunidades para reacções, verificação e desafio por parte dos diferentes membros dos grupos de governação e consulta. A primeira etapa envolveu uma análise de escopo da literatura, para identificar as principais lacunas no campo que enquadraram o processo de definição de prioridades e levaram à identificação de cinco domínios principais de investigação:

**DOMÍNIO 1: COMPREENDER A VBG**

**DOMÍNIO 2: INTERVENÇÕES DE RESPOSTA À VBG**

**DOMÍNIO 3: INTERVENÇÕES DE PREVENÇÃO DA VBG**

**DOMÍNIO 4: RESPOSTA E PREVENÇÃO DA VBG EM ESCALA**

**DOMÍNIO 5: MEDIDAS E METODOLOGIAS**

Depois de estabelecidos os domínios, as perguntas de investigação foram recolhidas utilizando uma abordagem em duas fases - um inquérito de recolha de perguntas online partilhada com o Grupo de Gestão, o Grupo Consultivo e o Grupo de Peritos Regionais, e entrevistas online com informadores chave (KII) e debates em grupos (FGD) com especialistas. Um total de 508 perguntas foram consolidadas e classificadas por ordem de prioridade pelo Grupo de Gestão através deste processo em duas fases, tendo sido reduzidas a 49, com cerca de dez perguntas por domínio. As perguntas foram depois partilhadas com os diferentes grupos de governação através de um inquérito online, no qual se pedia aos inquiridos que classificassem as questões de investigação em cada domínio e no seu conjunto. Um total de 186 especialistas enviaram as suas respostas ao inquérito.

As duas principais perguntas classificadas em cada domínio são:

**DOMÍNIO 1: COMPREENDER A VBG**

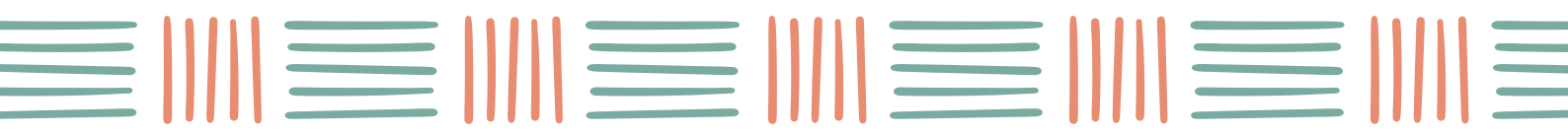
1. Quais são os tipos e a prevalência da VBG que afetam especificamente as mulheres e raparigas com deficiência e mulheres e raparigas que vivem com o VIH/SIDA, incluindo-se a violência sexual, o casamento precoce, a violência estrutural (por exemplo, negação de acesso à saúde, educação e serviços jurídicos) e a violência obstétrica (por exemplo, contraceção ou esterilização forçadas)?
2. Que normas sociais e de género, incluindo noções de masculinidade, influenciam (negativa ou positivamente) a perpetração de VBG?

**DOMÍNIO 2: INTERVENÇÕES DE RESPOSTA À VBG**

1. O apoio e o acompanhamento multissetorial da VBG (por exemplo, serviços de saúde, jurídicos, educacionais e de empoderamento) estão adaptados para diferentes contextos, necessidades e características das vítimas/sobreviventes, incluindo os das populações marginalizadas?
2. O que é que as diferentes interpretações de “justiça” nos podem dizer sobre como formar programas de justiça para as sobreviventes de violência?

**DOMÍNIO 3: INTERVENÇÕES DE PREVENÇÃO DA VBG**

1. Que intervenções ao trabalhar com líderes religiosos e/ou tradicionais ou outras estruturas sociais fortemente influenciadas pelo patriarcado, foram mais bem-sucedidas na prevenção da VBG e porquê?

- 
2. Que intervenções locais e comunitárias indígenas foram desenvolvidas e utilizadas na prevenção da VBG e quão bem-sucedidas foram?

#### DOMÍNIO 4: RESPOSTA E PREVENÇÃO DA VBG EM ESCALA

1. Que intervenções de prevenção da VBG, incluindo a mudança de normas sociais e intervenções para casais, podem/devem ser dimensionadas em ambientes rurais e de poucos recursos?
2. Como podem as infraestruturas a nível comunitário e as organizações de base comunitária que apoiam a prevenção e resposta da VBG ser reforçadas, profissionalizadas e elevadas através de sistemas governamentais, particularmente em contextos de poucos recursos?

#### DOMÍNIO 5: MEDIDAS E METODOLOGIAS

1. Como podemos melhorar os métodos de investigação para aumentar a exactidão dos dados e dos relatórios sobre a VBG?
2. Como podemos incorporar a produção e práticas indígenas de conhecimento na condução de uma investigação ética de alta qualidade sobre a VBG?

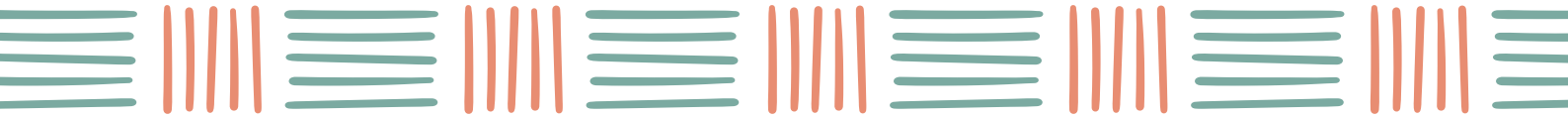
O processo de definição de prioridades da ASRA revelou uma aprendizagem importante sobre as prioridades de investigação destinadas a fazer avançar o domínio da prevenção e resposta à VBG em África, e a abordagem através da qual estas prioridades foram identificadas.

Embora houvesse algumas variações nas prioridades de investigação de acordo com as características dos peritos, em geral, houve uma concordância substancial com as cinco principais questões por domínio. O processo assinalou igualmente a importância de ser flexível, de prestar atenção à descolonização da investigação e de promover um processo de definição de prioridades de investigação mais inclusivo. A metodologia ASRA teve de ser adaptada a este processo.

As abordagens de métodos mistos também são úteis para a definição de prioridades. Os processos anteriores de definição da agenda de investigação têm sido exercícios quantitativos, de acordo com a ideia de colaboração colectiva “crowdsourcing” das perguntas de investigação prioritárias. Ao acrescentar métodos qualitativos, foi criado um processo mais inclusivo que permitiu que subgrupos específicos da população, especialmente os que enfrentam formas intersectoriais de discriminação, participassem mais plenamente na definição de prioridades.

Apesar de serem inclusivos e democráticos, os exercícios de definição de prioridades também podem ser tendenciosos. O processo e a abordagem ASRA elevaram intencionalmente as vozes de diversos peritos em VBG, incluindo os que trabalham com grupos marginalizados. O método CHNRI tenta minimizar este tipo de enviesamento através da sua abordagem de crowdsourcing; no entanto, é importante reconhecer que ainda podem ocorrer enviesamentos.


Existe um bom equilíbrio entre limitar a parcialidade e aumentar a participação. A evolução para exercícios de definição de prioridades de investigação mais participativos e inclusivos exige um equilíbrio entre o ajustamento dos métodos para ter em conta as estruturas políticas e de poder que são inerentes aos exercícios tradicionais de definição de prioridades de investigação, considerando simultaneamente a forma de manter a essência da “sabedoria da multidão”. Por exemplo, a abordagem do padrão CHNRI utiliza inquéritos para recolher perguntas de investigação e pontuar essas perguntas, o que pressupõe que todos os inquiridos terão igual acesso e compreensão para participar nesses inquéritos. Na realidade, elaborar uma pergunta



de investigação não é um exercício simples e, para os especialistas em VBG que não têm experiência de investigação, pode ser um desafio e dissuadir os participantes do processo.

As prioridades de investigação devem ser interpretadas à luz das provas existentes. Dado que foram realizados vários exercícios de definição de prioridades de investigação relacionados com a VBG desde 2015, é importante garantir que os processos consideram e aprendem com as conclusões dos exercícios anteriores.

Como demonstra a experiência da ASRA, a realização de um exercício de definição de prioridades pode ser complexa e lenta. Mas o processo de definição de prioridades é tão importante como a metodologia, especialmente a necessidade de garantir ativamente a inclusão de vozes diversas. Em última análise, a ASRA só será eficaz se os resultados forem utilizados. Os financiadores devem aumentar o investimento em investigação de alta qualidade e ética, em conformidade com a ASRA; os investigadores devem utilizar a ASRA para informar as suas próprias agendas de investigação; os profissionais devem utilizar a agenda como um guia para parcerias com investigadores sobre a avaliação das suas intervenções; e, em conjunto, a ASRA deve ser utilizada como referência para defender mais e melhor financiamento de investigação que aborde lacunas críticas de investigação e conhecimento no terreno.



A ONU Mulheres em África e a Iniciativa de Investigação sobre Violência Sexual (SVRI) estão empenhadas em contribuir para um mundo onde as mulheres e as crianças, em todas as suas diversidades, possam usufruir dos seus direitos de viver sem violência. Reconhecendo o poder da geração de conhecimento e a necessidade de processos de investigação mais equitativos e inclusivos nos esforços para acabar com a Violência Baseada no Género (VBG), a ONU Mulheres e a SVRI colaboraram em dinamizar a Agenda de Investigação Partilhada em África a fim de acabar com a VBG (ASRA).

A Agenda de Investigação Partilhada em África (ASRA) para acabar com a violência baseada no género (VBG) é um conjunto de recomendações prioritárias de investigação para o trabalho em campo, que foram identificadas através de um processo rigoroso, abrangente e inclusivo que centra as opiniões e vozes daqueles a quem a investigação irá servir. Trata-se de uma abordagem única e diligente que transporta o espírito de colaboração e poder coletivo essencial para pôr fim à VBG. A ASRA baseia-se nas lições da Agenda Global de Investigação Partilhada sobre a Violência contra as Mulheres e foi moldada através de um processo coletivo de aprendizagem e consulta. É uma contribuição para a Coligação de Ação para a Igualdade de Geração sobre a Violência Baseada no Género e fornece uma visão sobre as principais questões de investigação identificadas como prioritárias para acabar com a VBG por diversos especialistas baseados e a trabalhar na África Central, Oriental, Austral e Ocidental.

